

## Comentários sobre as traduções da *Nota sobre o discurso* de Ferdinand de Saussure no Brasil: elementos para leitura da “Nota”

Valdir do Nascimento Flores<sup>1</sup>

### **Resumo**

*Este texto busca comentar as duas traduções brasileiras da Nota sobre o discurso, um manuscrito do linguista Ferdinand de Saussure. Os comentários são feitos a partir da comparação entre as traduções, em que se procura destacar as diferenças de leitura do texto de partida que cada texto de chegada registra. Do ponto de vista do campo da tradução, mobiliza-se a noção de retradução, em duas perspectivas distintas (MESCHONNIC, 2010; BERMAN, 2017), como forma de fundamentar a ideia de que as traduções de Saussure no Brasil condensam as leituras que o autor recebeu no contexto brasileiro. Do ponto de vista linguístico, recorre-se à distinção semiótico/semântico (BENVENISTE, 1989) para defender a ideia de que as traduções buscam explicitar o que se considera o “intentado” do discurso, no caso, da Nota sobre o discurso.*

**Palavras-chave:** Saussurianismo. Discurso.

*Tradução. Retradução*

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realizou estudos de pós-doutorado (CNPq) na Université de Paris XII-Val-de-Marne e na Université de Paris X-Nanterre (CAPES). Atualmente, é professor titular de Linguística e Língua Portuguesa do curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor e orientador do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Universidade. É pesquisador PQ-CNPQ.

## Introdução

A *Nota sobre o discurso*, um manuscrito<sup>2</sup> de Ferdinand de Saussure, foi publicada pela primeira vez em português brasileiro em 1974, em tradução feita por Carlos Vogt (doravante *Tradução 1*), no livro de Jean Starobinski, *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*<sup>3</sup>. A segunda vez que o texto aparece no Brasil é em 2004, no livro *Escritos de linguística geral*<sup>4</sup> (ELG), atribuído a Ferdinand de Saussure, em nova tradução feita por Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco (doravante *Tradução 2*).

Como podemos esperar, as duas traduções são diferentes em muitos aspectos e, obviamente, não é essa evidência que motiva este artigo.

Na verdade, ocorreu-me comentar as traduções da “Nota” quando li a tradução brasileira, feita por Carlos Piovezani, do texto “O que as teorias do discurso devem a Saussure”, de Pierre-Yves Testenoire (2016), um texto que discute a importância da “Nota” para as teorias do discurso, e no qual aparece integralmente a *Nota sobre o discurso*. A partir dessa leitura, percebi que o tradutor recorre à tradução da “Nota” publicada em 1974, em detrimento da mais recente, a de 2004. Sobre essa escolha, assim se manifesta Piovezani: “Nota do tradutor: utilizamos a tradução feita por Carlos Vogt da nota de Saussure citada em: J. Starobinski, *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo, Perspectiva, 1974” (TESTENOIRE, 2016, p. 118, n. 8).

Embora a “Nota do tradutor” não explicita os critérios que justificam a opção, é possível deduzir que esta não foi nem neutra, nem fortuita. Pode-se, inclusive, conjecturar que determinados elementos foram levados em conta para determiná-la. Esses elementos podem ser desde aspectos ligados à língua fonte quanto à língua alvo, assim como ao próprio texto em questão.

---

<sup>2</sup> Conforme explica Testenoire (2016), a “dita” *Nota sobre o discurso* não foi assim nomeada por Saussure, mas por Rudolf Engler e Simon Bouquet, quando da organização dos ELG. Adverte Testenoire que o título não aparece entre colchetes na edição dos ELG, o que mascara o fato de o título ser atribuído pelos editores. Além disso, o autor lembra que a “Nota” está erroneamente colocada nos ELG na parte dedicada aos “Novos documentos”, fato este que não se justifica, já que a “Nota” é conhecida desde 1971, quando da publicação do livro de Starobinski (cf. nota 2). Finalmente, considera que a indicação de gênero discursivo através do emprego do determinante confere à “Nota” uma excepcionalidade e um acabamento incompatíveis com a natureza inacabada do texto.

<sup>3</sup> O livro, publicado na França em 1971, é feito com base em cinco artigos de Jean Starobinski a propósito dos anagramas de Ferdinand de Saussure. É considerado um dos primeiros trabalhos exclusivamente dedicado a tratar o tema da pesquisa anagramática saussuriana.

<sup>4</sup> Os *Écrits de linguistique générale* são publicados na França em 2002 e traduzidos para o português do Brasil em 2004. O livro é referido aqui pela sigla ELG, seguida de página.

Enfim, independentemente das razões que conduziram a escolha, o fato é que houve uma escolha, e é essa realidade que motiva o presente trabalho, cujo objetivo é comentar as duas traduções brasileiras da *Nota sobre o discurso* de Ferdinand de Saussure, buscando ver, nas diferenças que têm, as leituras que ensejam do texto original. Esse objetivo encontra justificativa no fato de o pesquisador brasileiro ter à sua disposição, atualmente, duas traduções de um mesmo texto, o que, sem dúvida, o obriga a tomar decisão a respeito de qual utilizar. Busco, então, de certa forma, apresentar, a partir dos comentários, elementos de leitura que possam subsidiar essa tomada de decisão.

Para tanto, a seguir, é feito o seguinte percurso: em primeiro lugar, são trazidas as noções de tradução e retradução; em seguida, são apresentadas as traduções colocadas sob exame. Finalmente, na última parte do artigo, são feitos os comentários.

### **Traduzir é retraduzir<sup>5</sup>**

Não é raro encontrar duas ou mais traduções para um mesmo texto, caso da *Nota sobre o discurso*. Essa situação é inclusive muito comum e objeto de reflexão no campo dos estudos da tradução, em especial quando o que está em pauta é o tema das “retraduções”.

Para Henri Meschonnic (2010, p. 241), a retradução é constitutiva da tradução: “traduzir, mesmo o que nunca foi traduzido, é sempre retraduzir. Porque traduzir é precedido pela história do traduzir”. A radicalidade dessa ideia de Meschonnic o faz afirmar que “traduzir supõe e impõe saber como funciona um texto, o que é o discurso, e que toda tradução é uma nova história. Ou nada” (MESCHONNIC, 2010, p. 242-243).

De outro ponto de vista teórico, mas não menos interessante, Antoine Berman (2017, p. 261-262), em um belo artigo, intitulado “A retradução como espaço da tradução”, adverte: “Nesse campo de essencial insucesso que caracteriza a tradução, somente as retraduições podem atingir – de tempos em tempos – o sucesso”. Segundo Berman (2017, p. 264), “basta que um texto de um autor já tenha sido traduzido para que a tradução dos

---

<sup>5</sup> A afirmação que serve de título a este item é de autoria de Henri Meschonnic e integra o título do oitavo capítulo da sua *Poética do traduzir* (2010).

outros textos deste autor entre no espaço da retradução. É por essa razão que o Poe de Baudelaire é uma retradução”<sup>6</sup>.

A “Nota”, em língua portuguesa, atende tanto os critérios de Meschonnic quanto os de Berman: em primeiro lugar, as duas traduções da “Nota” dão acesso a Saussure através da história de leituras que Saussure recebeu; em segundo lugar, ambas fazem parte do “espaço da retradução” de Saussure no Brasil.

Para além de constituírem “retradução”, as traduções da “Nota” não escapam ao que é corrente no campo: a tradução é um ato que implica leitura, interpretação, escolhas por parte do tradutor, além de, obviamente, conhecimento das línguas implicadas. No entanto, a “Nota” tem ainda algumas particularidades.

Se examinada de um ponto de vista estritamente linguístico, talvez não apresente grandes dificuldades de tradução; porém, há outros elementos que colocam o tradutor, no mínimo, em situação de alerta: trata-se, primeiramente, de um manuscrito; e, ademais, de um manuscrito de Ferdinand de Saussure.

Ora, um manuscrito é, por natureza, algo que não tem a forma definitiva de uma peça feita para publicação, logo é algo inacabado por definição. Além desse aspecto, em princípio generalizante – já que o traço de incompletude é constitutivo de todo e qualquer manuscrito –, trata-se de um manuscrito de Saussure, quer dizer, de um pensador cuja reflexão, embora muito debatida, está assentada numa infinidade de interpretações exegéticas, nem sempre convergentes entre si. A dita “filologia saussuriana” é, hoje, extremamente especializada e tem produzido possibilidades interpretativas da obra do genebrino até bem pouco tempo impensáveis.

Nesse sentido, as dificuldades de tradução da *Nota sobre o discurso* estão simultaneamente ligadas tanto ao que Benveniste nomeou de *semiótico* da língua quanto ao *semântico* da língua. Explico-me.

Em “A forma e o sentido na linguagem”, Benveniste faz uma afirmação que, em um primeiro momento, parece contradizer o que está sendo afirmado aqui. Diz ele: “pode-se transpor o semantismo de uma língua para o de outra, ‘salva veritate’; é a possibilidade

---

<sup>6</sup> De uma maneira um pouco mais didática, Berman (2017, p. 262) define também: “Toda tradução feita depois da primeira tradução de uma obra é então uma retradução”.

da tradução; mas não se pode transpor o semiotismo de uma língua para o de outra; é a impossibilidade da tradução” (BENVENISTE, 1989, p. 233).

Se Benveniste considera que a impossibilidade da tradução reside no semiotismo, quer dizer, no sistema da língua, por que localizar as dificuldades de tradução da “Nota” também do lado do semântico, quer dizer, do discurso? Isso não seria uma contradição?

É que, no caso de Saussure, para além da impossibilidade de tradução absoluta do semiótico da língua, inerente a toda a tradução, o tradutor ainda tem de lidar com uma dificuldade suplementar: o semântico é incerto. Em outras palavras, não se trata mais de colocar o *mesmo* sentido em *outra* língua, mas, antes, de saber *qual é* o sentido.

Assim, à tradução dos manuscritos de Saussure, acresce-se, além das dificuldades comuns ao ato de traduzir, uma constante indagação acerca do que Benveniste nomeou “o intentado” do discurso, ou seja, “[...] o que o locutor quer dizer, a atualização linguística de seu pensamento” (BENVENISTE, 1989, p. 229). Ou ainda: um sentido global produzido por um locutor que, por meio deste, age sobre o interlocutor, instaurando uma realidade de discurso.

Por isso, as traduções da “Nota” tornam Saussure acessível a partir do que os tradutores supuseram acerca do que puderam ler, no conjunto das histórias de leituras possíveis, do intentado do discurso. Ou seja, a língua, em si, não quer dizer nada, ela apenas significa quando a usamos, e isso é discurso.

Se se considera o que está aqui sendo proposto, o problema que as traduções – e o fenômeno da retradução – colocam é o da transferência do sentido de um texto e em uma dada língua – o sentido compreendido pela leitura – em um outro texto e em uma outra língua. Em outras palavras, a tradução é uma operação simultaneamente de escrita e de reescrita que se guia pelo sentido como referência e, nessa referência, está situado o intentado do discurso, que, não raras vezes, é opacificado pela história de leituras que se faz do autor. Uma tradução mostra e esconde, diria Meschonnic.

## Do texto original às traduções

Tendo em vista os aspectos teóricos mobilizados acima, a seguir é apresentada, para fins de comentários, no item seguinte, a *Nota sobre o discurso* – o texto de partida –, acompanhada das duas traduções existentes no Brasil – os textos de chegada.

Em função da necessidade de explicitação didática, no primeiro quadro (cf. 1), é colocada a “Nota” em língua francesa, ao que seguem dois quadros (cf. 2) em que constam a *Tradução 1* e a *Tradução 2*.

## O texto de partida

A *Nota sobre o discurso* aparece da seguinte maneira no livro de Starobinski<sup>7</sup>, com poucas diferenças de transcrição – indicadas, abaixo, em nota de rodapé – em relação aos ELG<sup>8</sup>:

La langue n'est créée qu'en vue du discours, mais qu'est-ce qui sépare le discours de la langue, ou qu'est-ce qui, à un certain moment, permet de dire que la langue *entre en action comme discours*?

Des concepts variés sont là, prêts dans la langue (c'est-à-dire revêtus d'une forme linguistique) tels que *boeuf, lac, ciel, rouge, triste, cinq, fendre, voir*. À quel moment, ou em vertu de quelle opération, de quel jeu<sup>9</sup> qui s'établit entre eux, de quelles conditions, ces concepts formeront-ils le *discours*<sup>10</sup>?

La suite de ces mots, si riche qu'elle soit<sup>11</sup> par les idées qu'elle évoque, n'indiquera jamais à un individu humain qu'un autre individu, en les prononçant, veuille lui *signifier*<sup>12</sup> quelque chose. Que faut-il pour que nous ayons l'idée qu'on veut signifier quelque chose, en usant de termes qui sont à disposition dans la

<sup>7</sup> Cf. Starobinski (1974, p. 12).

<sup>8</sup> Cf. ELG, p. 277.

<sup>9</sup> Nos ELG, essa palavra aparece em itálico.

<sup>10</sup> Nos ELG essa palavra aparece em caixa alta.

<sup>11</sup> Nesse ponto, nos ELG, há uma vírgula.

<sup>12</sup> Nos ELG essa palavra aparece sem itálico.

langue ? C'est la même question que de savoir ce qu'est le discours, et à première vue la réponse est simple: le *discours* consiste, fût-ce rudimentairement<sup>13</sup> et par des voies que nous ignorons, à affirmer un lien entre deux des concepts qui se présentent revêtus de la forme linguistique, pendant que la langue ne fait préalablement que réaliser des concepts isolés, qui attendent d'être mis en rapport entre eux pour qu'il y ait signification de pensée.

Quadro 1: “Note sur le discours”.  
Fonte: Starobinski, 1974, p. 14.

## Os textos de chegada

### Tradução 1

A língua só é criada com vistas ao discurso, mas o que separará o discurso da língua ou o que, num dado momento, permitirá dizer que a língua *entra em ação como discurso?*

Conceitos variados estão aí disponíveis na língua (isto é, revestidos de uma forma linguística) tais como *boef, lac, ciel, rouge, triste, cinq, fendre, voir*. Em que momento, ou em virtude de qual operação, de qual jogo que se estabelece entre elas, de quais condições, formarão estes conceitos o *discurso?*

A sequência destas palavras, por mais rica que seja pelas ideias que evoca, não indicará jamais a um ser humano que um outro indivíduo ao pronunciá-las, queira *significar-lhe* alguma coisa. O que é preciso para que tenhamos a ideia de que queremos significar alguma coisa, usando termos que estão disponíveis na língua? É um problema idêntico ao de saber o que é o *discurso*, e à primeira vista a resposta é simples: o discurso consiste, ainda que de modo rudimentar ou por caminhos que ignoramos, em afirmar um elo entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos de forma linguística, enquanto a língua previamente apenas realiza conceitos isolados, que esperam ser relacionados entre si para que haja significação de pensamento.

Quadro 2: o texto presente em Starobinski.  
Fonte: Starobinski, 1974, p. 12.

<sup>13</sup> Nesse ponto, nos ELG, há uma vírgula.

**Tradução 2**

A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua ou o que, em dado momento, permite dizer que a língua *entra em ação como discurso?*

Os vários conceitos estão ali, prontos na língua (ou seja, revestidos de uma forma linguística), tais como *boef, lac, ciel, rouge, triste, cinq, fendre, voir*. Em que momento ou em virtude de que operação, de que *jogo* que se estabelece entre eles, de que condições, esses conceitos formarão o DISCURSO?

A sequência dessas palavras, por mais rica que seja, pelas ideias que evoca, indicará apenas, para um indivíduo humano, que um outro indivíduo, ao pronunciá-las, quer lhe comunicar alguma coisa. O que é preciso para que tenhamos a ideia de que se quer comunicar alguma coisa usando termos que estão disponíveis na língua? É uma questão igual à de saber o que é o *discurso*, sendo que, à primeira vista, a resposta é simples: o discurso consiste, quer seja de maneira rudimentar e por vias que ignoramos, em afirmar uma ligação entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos da forma linguística, enquanto a língua realiza, anteriormente, apenas conceitos isolados, que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação de pensamento.

Quadro 3: o texto presente nos ELG (2004).  
Fonte: ELG, p. 237.

**Na história das leituras, as traduções da “Nota”**

Em um pequeno exercício comparativo com vistas à apresentação didática das diferenças entre as duas traduções, observe-se, nos quadros a seguir, a justaposição da *Tradução 1* à *Tradução 2*, em que destaque em negrito, na *Tradução 2*, as diferenças em relação à *Tradução 1*, e assinalo em sombreado, na *Tradução 1*, o que está diferente da *Tradução 2*.

A apresentação é dividida em três segmentos, cada um seguido de comentários. São comentados apenas os pontos considerados relevantes para a comparação. Aspectos ligados às marcas de estilo dos tradutores não são objeto de discussão (por exemplo, uso de “num dado momento” e “em dado momento” no *Segmento 1*).

**Segmento 1**

**Tradução 1**

A língua só é criada **com vistas ao discurso**, mas o que **separará** o discurso da língua ou o que, **num** dado momento, **permitirá** dizer que a língua *entra em ação como discurso?*

**Tradução 2**

A língua só é criada **em vista do discurso**, mas o que **separa** o discurso da língua ou o que, **em** dado momento, **permite** dizer que a língua *entra em ação como discurso?*

Quadro 4: comparação do segmento 1.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Starobinski (1974) e Saussure (2004).

A diferença entre as duas traduções salta aos olhos: na primeira, lê-se que “a língua só é criada com vistas ao discurso”; na segunda, lê-se que “a língua só é criada em vista do discurso”. Ora, “com vistas a” é muito diferente de “em vista de”. Para começar, então, caberia perguntar: qual uso essas expressões têm em português?

O *Dicionário de usos do português do Brasil*, de Francisco da Silva Borba, explica da seguinte maneira tais construções. Para o *Dicionário*, a construção *com + vista + a + nome abstrato ou oração* indica “com a finalidade”, “para”; a construção *em + vista + de + nome abstrato ou oração* indica “por causa”, “devido” (BORBA, 2002, p. 1632).

Ao substituirmos, nas traduções acima, as indicações dadas pelo *Dicionário*, temos:

- a) *Tradução 1*: A língua só é criada *com a finalidade* do discurso, *para* o discurso;
- b) *Tradução 2*: A língua só é criada *por causa* do discurso, *devido* ao discurso.

Não é difícil perceber que, no contexto da “Nota”, estamos frente a sentidos quase opostos. O leitor, certamente, chegaria a conclusões distintas ao assumir uma ou outra tradução.

Na *Tradução 1*, há um sentido que indica a passagem da *língua* para o *discurso*, muito em voga no início dos anos 1970, quando a vulgata estruturalista insistia em dizer que a *língua* se atualiza na *fala*. Na época do estruturalismo, quando se fazia uma leitura estruturalista de Saussure, era comum encontrar afirmações como:

Saussure compara a língua a um dicionário, cujos exemplares tivessem sido distribuídos entre todos os membros de uma sociedade. Desse dicionário (ao qual deveríamos acrescentar, para sermos mais precisos, uma gramática), é a *langue*, cada indivíduo escolhe aquilo que serve aos seus propósitos imediatos de comunicação. Essa parcela concreta e individual da *langue*, posta em ação por um falante em cada uma de suas situações comunicativas concretas, chamou-a Saussure *parole* (em português ‘fala’ ou ‘discurso’) (LOPES, 1980, p. 77).

Tal afirmação vai em direção à ideia de que a língua se atualiza no discurso, na fala, lugar de liberdade do falante.

Na *Tradução 2*, é o movimento contrário que é colocado em destaque, quer dizer, a *língua* é criada a partir do uso que se faz dela, do *discurso*, portanto. Leitura esta bem mais comum nos dias atuais.

Ainda comentando o *Segmento 1*, cabe chamar a atenção para o uso do futuro do presente em “separará” e em “permitirá”, na *Tradução 1*, e o uso do presente em “separa” e “permite”, na *Tradução 2*.

O uso do futuro, nesse caso, mereceria ser mais bem explicado, uma vez que, em um primeiro momento, parece não se coadunar com o sentido global do *Segmento 1* relativamente ao conjunto da “Nota”.

Vou seguir em detalhe o *Segmento 1*: há, inicialmente, uma asserção (“a língua só é criada em vista do discurso”) que é objeto de dois questionamentos em forma de pergunta, articulados entre si por *ou*. Ambos são ligados à primeira asserção por *mas*. O primeiro questionamento é sobre o que *separa* o discurso da língua (“o que separa o discurso da língua”); o segundo questionamento é sobre o que *une* a língua ao discurso (“língua *entra em ação como discurso*”).

De uma maneira esquemática: “a língua só é criada em vista do discurso” (asserção) MAS (articula dois questionamentos) “o que separa o discurso da língua” (primeiro questionamento) OU “o que, em um dado momento, permite dizer que a língua *entra em ação como discurso*?” (segundo questionamento).

Penso que a construção argumentativa do parágrafo sugere o entendimento de que a primeira asserção é apresentada como um princípio, uma evidência, um ponto de partida.

A essa asserção, Saussure sobrepõe duas indagações que, em minha opinião, são metodológicas: se, por um lado, na asserção é afirmada a evidência da *língua* ser criada “em vista do discurso”, por outro lado, no primeiro questionamento é o objeto *língua* e o objeto *discurso* que são tematizados. A pergunta aqui, então, diz respeito aos objetos. Em outras palavras: como objetos de reflexão, o que *separa* a *língua* do *discurso*? Já, no segundo questionamento, Saussure indaga acerca de como “a *língua entra em ação como discurso*”, ou seja, a pergunta aqui é sobre o que *une* a *língua* ao *discurso*.

Admitida essa leitura que faço do *Segmento 1*, fica difícil compreender o uso do futuro do presente, uma vez que pode sugerir que “algo” “separará o discurso da língua”, o que é estranho ao sentido global do segmento.

### **Segmento 2**

#### **Tradução 1**

Conceitos variados estão aí disponíveis na língua (isto é, revestidos de uma forma linguística) tais como *boef, lac, ciel, rouge, triste, cinq, fendre, voir*. Em que momento, ou em virtude de qual operação, de qual jogo que se estabelece entre elas, de quais condições, formarão estes conceitos o *discurso*?

#### **Tradução 2**

Os vários conceitos estão ali, prontos na língua (ou seja, revestidos de uma forma linguística), tais como *boef, lac, ciel, rouge, triste, cinq, fendre, voir*. Em que momento ou em virtude de que operação, de que jogo que se estabelece entre eles, de que condições, esses conceitos formarão o DISCURSO?

Quadro 5: comparação do segmento 2.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Starobinski (1974) e Saussure (2004).

O *Segmento 2*, a exemplo do anterior, suscita fortemente o debate. Tomemos, inicialmente, para a análise, “Conceitos variados estão aí disponíveis na língua”, da *Tradução 1*, e “Os vários conceitos estão ali, prontos na língua”, da *Tradução 2*. Também, aqui, há uma diferença importante de sentidos.

Mais uma vez, o dicionário pode ser um ponto de partida para ajudar a elucidar a leitura. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* considera “variado” um adjetivo que indica

“formas múltiplas, diversas, diferentes” e define “vários” como um pronome indefinido plural que, em uso adjetivo, como é o caso, “indetermina o substantivo, quando a ele anteposto”. O *Dicionário Houaiss* indica ainda, para “vários”, nessa posição, o sentido de “muitos”, “numerosos” e “diversos” (HOUAISS; VILLAR, 2011).

Ora, há evidente diferença entre afirmar que conceitos *múltiplos, diversos* ou *diferentes* “estão disponíveis na língua” (*Tradução 1*) e afirmar que *muitos, numerosos* ou *diversos* conceitos “estão prontos na língua” (*Tradução 2*).

Além dessa diferença, há a mais importante: os usos de “disponíveis” e de “prontos”. Ao buscar o sentido global do *Segmento 2* – que apenas pode ser estabelecido relativamente ao restante da “Nota” – vê-se que, nesse *Segmento*, é possível ler uma especificação do que está posto no *Segmento 1*. Quer dizer, “os vários conceitos”, listados adiante (*boef, lac, ciel, rouge, triste, cinq, fendre, voir*) e que estão “prontos na língua”, são exemplos, ilustrações, da “língua” a qual é criada “em vista do discurso”.

A diferença entre supor que os conceitos estão “disponíveis” ou “prontos” é semelhante ao que afirmei acima a respeito de “com vistas a” e “em vista de”. Considerar que os conceitos estão “disponíveis” na língua é, de certa forma, supor que se pode dispor de tais conceitos e atualizá-los no discurso, leitura esta também bastante difundida no escopo do estruturalismo.

Mais uma vez, cabe voltar ao “intentado” presente na “Nota” para melhor compreender o que é apresentado. Saussure explica claramente o que entende por conceitos “prontos na língua” ao justapor, entre parênteses, a explicação “ou seja, revestidos de uma forma linguística”.

Nesse caso, talvez o mais adequado seja dizer que os conceitos estão “prontos na língua”, quer dizer, estão “revestidos de forma linguística” e não “disponíveis” para serem usados, como poderia sugerir a *Tradução 1*.

Em seguida, Saussure reitera a indagação feita no *Segmento 1* ao perguntar “Em que momento ou em virtude de que operação, de que *jogo* que se estabelece entre eles, de que condições, esses conceitos formarão o DISCURSO?”. Em minha opinião, tal reiteração tem a mesma natureza da pergunta “o que, em um dado momento, permite dizer que a língua *entra em ação como discurso?*”, que está presente no *Segmento 1*.

Nesse sentido, cabe ver que o conjunto formado pelos *Segmentos 1 e 2* encadeia uma sucessão de questionamentos capitaneados pela asserção “A língua só é criada em vista do discurso”. Vale observar no esquema abaixo.

Asserção: “A língua só é criada em vista do discurso”

MAS

- a) O que separa o discurso da língua?
- b) O que permite dizer que a língua *entra em ação como discurso*?
- c) Em que momento?
- d) Em virtude de que operação esses conceitos formarão o DISCURSO?
- e) Em virtude de que *jogo* que se estabelece entre eles esses conceitos formarão o DISCURSO?
- f) Em virtude de que condições esses conceitos formarão o DISCURSO?

Uma última observação com relação ao *Segmento 2*: o uso de “elas”, na *Tradução 1* (“de qual jogo que se estabelece entre elas”), e o uso de “eles”, na *Tradução 2* (de que *jogo* que se estabelece entre eles”). Parece-nos difícil recuperar o antecedente de “elas” na formulação textual da *Tradução 1*.

### **Segmento 3**

#### **Tradução 1**

A sequência **destas** palavras, por mais rica que seja pelas ideias que evoca, **não** indicará **jamais** a um **ser** humano que um outro indivíduo ao pronunciá-las, **queira** *significar-lhe* alguma coisa. O que é preciso para que tenhamos a ideia de que **queremos significar** alguma coisa, usando termos que estão disponíveis na língua? É **um problema idêntico** ao de saber o que é o *discurso*, e à primeira vista a resposta é simples: o discurso consiste, **ainda que de modo rudimentar ou por caminhos** que ignoramos, em afirmar **um elo** entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos **de** forma linguística, enquanto a língua **previamente** **apenas** realiza conceitos isolados, que esperam ser **relacionados** entre si para que haja significação

de pensamento.

**Tradução 2**

A sequência **dessas** palavras, por mais rica que seja, pelas ideias que evoca, indicará **apenas**, para um **indivíduo** humano, que um outro indivíduo, ao pronunciá-las, **quer lhe comunicar** alguma coisa. O que é preciso para que tenhamos a ideia de que **se quer comunicar** alguma coisa usando termos que estão disponíveis na língua? É **uma questão igual à** de saber o que é o *discurso*, **sendo que**, à primeira vista, a resposta é simples: o discurso consiste, **quer seja de maneira rudimentar e por vias** que ignoramos, em afirmar **uma ligação** entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos **da** forma linguística, enquanto a língua realiza, **anteriormente, apenas** conceitos isolados, que esperam ser **postos em relação** entre si para que haja significação de pensamento.

Quadro 6: comparação do segmento 3.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Starobinski (1974) e Saussure (2004).

O *Segmento 3* levanta questionamentos de toda a ordem, tanto a respeito da análise das traduções – primeiro interesse aqui – quanto a respeito da contribuição ao sentido global da “Nota” dada pelo segmento. Tratarei, a seguir, de ambas ao mesmo tempo.

O trecho “A sequência destas palavras, por mais rica que seja pelas ideias que evoca, não indicará jamais a um ser humano que um outro indivíduo ao pronunciá-las, queira *significar*-lhe alguma coisa”, da *Tradução 1*, difere do trecho “A sequência dessas palavras, por mais rica que seja, pelas ideias que evoca, indicará apenas, para um indivíduo humano, que um outro indivíduo, ao pronunciá-las, quer lhe comunicar alguma coisa”, da *Tradução 2*, essencialmente, em dois pontos: a) a forma de apresentação da restrição; b) os usos de “significar” e “comunicar”.

Quanto à restrição, a *Tradução 1* e a *Tradução 2* são completamente antagônicas. Para decidirmos acerca dessa disparidade, é fundamental voltar ao conjunto da “Nota”.

Saussure, nos segmentos anteriores, questiona-se a respeito das relações entre a *língua* e o *discurso* e apresenta uma lista do que ele considera conceitos “prontos na língua”. Esses conceitos são retomados no *Segmento 3* pela expressão “A sequência dessas palavras”.

É claro que “A sequência dessas palavras”, por ser uma retomada da lista acima, deve ser entendida como os conceitos que estão “prontos na língua”. Como tal, a “sequência” “não indicará jamais a um ser humano que um outro indivíduo ao pronunciá-las, queira *significar*-lhe alguma coisa”, conforme a *Tradução 1*. É evidente. Se a lista é somente uma “sequência de palavras”, ela não pode indicar que alguém queira significar algo a outro alguém.

A *Tradução 2* é estranha ao sentido global da “Nota”, pois afirma que a “sequência de palavras” “indicará apenas, para um indivíduo humano, que um outro indivíduo, ao pronunciá-las, quer lhe comunicar alguma coisa”, o que está em flagrante contradição com o que diz a “Nota” desde o seu início.

Quanto aos usos de “significar” e “comunicar”, a *Tradução 2* traduz o verbo *signifier* por *comunicar*, enquanto a *Tradução 1* propõe “significar”. Essa pequena diferença de tradução mereceria alguma discussão. Por ora, apenas observo que o *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales*, do CNRS, apresenta o verbo *communiquer* como sinônimo de *signifier* em usos que indicam “significar algo a alguém” (CNRTL, 2012).

A partir desse ponto do *Segmento 3*, seguem os questionamentos de Saussure: “O que é preciso para que tenhamos a ideia de que se quer comunicar alguma coisa usando termos que estão disponíveis na língua?”. Esse questionamento merece duas considerações.

A primeira se relaciona ao uso de “termos que estão disponíveis na língua”. Ambas as traduções apresentam da mesma maneira a formulação “termes qui sont à disposition dans la langue”. Como acima rechacei o uso de “disponíveis”, presente na *Tradução 1*, aplicado a “conceitos”, é necessário assumir uma posição a respeito do uso da expressão aqui. Creio que, nesse caso, trata-se de “disponíveis” mesmo, já que são tratados não mais como conceitos, mas como “termos”.

A segunda consideração diz respeito à paráfrase que segue o questionamento: “É uma questão igual à de saber o que é o *discurso*”. Ou seja, “O que é preciso para que tenhamos a ideia de que se quer comunicar alguma coisa usando termos que estão disponíveis na língua” é parafraseado (“É uma questão igual”) por “saber o que é o discurso”. E, finalmente, a resposta:

o discurso consiste, quer seja de maneira rudimentar e por vias que ignoramos, em afirmar uma ligação entre dois dos conceitos que se

apresentam revestidos da forma linguística, enquanto a língua realiza, anteriormente, apenas conceitos isolados, que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação de pensamento (SAUSSURE, 2004, p. 37)

Vale repetir: o discurso consiste em afirmar uma ligação entre conceitos. Assim, se é verdade que “a língua só é criada em vista do discurso”, não é menos verdade que “a língua entra em ação como discurso” ao se “afirmar uma ligação entre dois dos conceitos” que, por sua vez, são “colocados em relação entre si para que haja significação de pensamento”.

Essa última parte do *Segmento 3*, como pode ser facilmente observado na contraposição dos quadros acima, apresenta diferenças de escolhas de tradução que, apesar de nuançarem o sentido do que apresentam, não chegam a rivalizar com o que se pode deduzir do sentido global da “Nota”.

Como se pode ver a *Tradução 1* parece apresentar uma leitura mais próxima do intentado do conjunto da “Nota”, quando o que está em exame é a formulação da restrição; no entanto, não se pode deixar de considerar a opção da *Tradução 2* por “comunicar” para traduzir *signifier*, levando-se em conta o sentido global da “Nota”.

## Conclusão

É tempo de concluir e faço isso afirmando que traduzir implica uma reflexão sobre a língua, portanto, uma teoria acerca da língua. A tradução não pode ser vista como mero fazer técnico. Este não é mais do que a face aparente, e necessária, de um fazer que implica entre si o político e o ético.

Paul Ricoeur, em seu belo ensaio *Sobre a tradução*, considera a tradução uma *hospitalidade linguística*. Diz o filósofo: “Hospitalidade linguística, [...] em que o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em sua casa, na sua própria morada de acolhimento, a palavra do estrangeiro” (RICOEUR, 2005, p. 21). Assim, Ricoeur define, com a eloquência que o caracteriza, a duplicidade inerente ao ato de traduzir: entre uma língua e outra algo se perde (talvez o absoluto linguístico) e algo se ganha (talvez a conformidade entre possível e o equivalente).

Traduzir é um ato que exige de quem o faz a admissão de certo *trabalho de luto*, como diria Paul Ricoeur, em que é preciso renunciar à mestria da palavra absoluta, exata. Além disso, ela exige certa coragem para, a partir da busca da palavra menos mutiladora, tornar um texto escrito em uma língua compreensível a sujeitos que falam e leem outra língua.

Ao fazer a leitura da tradução da *Nota sobre o discurso* em português não deixo de pensar que esse foi, desde sempre, o cuidado que tiveram os tradutores. No entanto, as decisões que tomaram, as escolhas que fizeram, proporcionam ao leitor brasileiro um certo modo de ler Saussure, e a tradução é, no caso do Brasil, peça essencial no modo de construir leituras. Que esteja sob exame a nossa.

## Referências

BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. Trad. João Wanderlei Geraldi In: \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BERMAN, Antoine. A retradução como espaço da tradução. Trad. Clarissa Prado Marini e Marie-Hélène C. Torres. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 37, n° 2, p. 261-268, maio-ago. 2017.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 1 CD-ROM.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1980.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Edições Cotovia, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SIGNIFIER. In: CNRTL - Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. **Portail lexical**. Nancy Cedex: CNRTL, 2012. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/signifier>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

STAROBINSKI, J. **As palavras sob as palavras**: os anagramas de Ferdinand Saussure. Trad. Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1974.

TESTENOIRE, Pierre-Yves. O que as teorias do discurso devem a Saussure. Trad. Carlos Piovezani. In: CRUZ, M. A.; PIOVEZANI, C.; TESTENOIRE, P. (Org.). **Saussure, o texto e o discurso**: cem anos de heranças e recepções. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

### **Abstract**

*This study seeks to comment on the two Brazilian translations of the Note on discourse, a manuscript by linguist Ferdinand de Saussure. The remarks are based on the comparison between the translations, seeking to highlight the different readings of the source text that each target text registers. From the point of view of the field of translation, the notion of retranslation is mobilized in two different perspectives (MESCHONNIC, 2010; BERMAN, 2017), as a way to expound the idea that Saussure’s translations in Brazil condense the interpretations that the author was given in the Brazilian context. From the linguistic point of view, the distinction between semiotic/semantic (BENVENISTE, 1989) is used to defend the idea that the translations seek to make explicit what Benveniste names the “intended” of discourse, in this case, of the Note on discourse.*

**Keywords:** *Saussurianism. Discourse. Translation. Retranslation*

**Recebido em:** 18/03/2018.

**Aceito em:** 04/06/2018.